

EVOLUÇÃO DA FARMACOTÉCNICA NO BRASIL

João Haikal Helou

Liberalli divide, didaticamente, a história da Farmacotécnica no Brasil em três períodos:

- “Brasil português, dito geralmente ‘Brasil Colônia’
- Brasil Reino e Império
- Brasil República”

Brasil Português: desde a descoberta até o século XVIII.

A prática profissional, ainda segundo Liberalli, está limitada:

- “I) às boticas dos colégios dos jesuítas (as mais célebres foram as boticas dos colégios do Rio de Janeiro, da Bahia, de Belém do Pará, de São Paulo e do Maranhão), das quais se valia também a população civil;
- II) às boticas dos hospitais militares nas sedes de guarnições importantes, e as das Santas Casas de Misericórdia;
- III) às poucas farmácias existentes nas cidades maiores (em 1765, há exatamente dois séculos, só havia três em São Paulo);
- IV) às boticas particulares, de fazendas, presídios, conventos”

Os oficiais da prática da botica não são diplomados, nos primeiros séculos.

Diogo de Castro, cristão-novo, foi o primeiro boticário a chegar à Bahia, em 1549, na comitiva de Thomé de Souza, 1º Governador Geral.

Em 1645, no Recife, é assinalada a presença do médico, farmacêutico e líder da comunidade, Dr. Abraham de Mercado.

Cabe a Antonio da Mota a primazia de receber a “carta de privilégio” outorgada pela Câmara Municipal de São Paulo, em 27 de julho de 1726, isto porque os oficiais da prática da botica não são diplomados no Brasil, nos primeiros séculos, e os cursos de Farmácia só iriam a surgir no século XIX.

Segundo Santos Filho, já na época, do Brasil Colônia, havia várias medicinas:

- a) indígena;
- b) jesuítica;
- c) africana ou negra (houve aumento do quadro nosológico pelos escravos negros);
- d) holandesa;
- e) ibérica.

A medicina na América, como aconteceu com povos antigos do Oriente Médio e circunvizinhanças, era mesclada com a religião, superstição, magia.

Entre o indígenas, havia o "pajé", "caraíba" (também significava o branco), "piaga" ou "piaí", que exercia as funções de médico, sacerdote, feiticeiro. As plantas eram colhidas frescas e sofriam prévia mastigação pelo curador ou pajé. Este, depois de friccionar com as folhas de urtiga (*Urtiga urens*) ou de cansação (*Yatropa urens*) a parte dolorida ou inflamada do corpo, incisava-a e escarificava-a com pedra afiada até que escorresse sangue. Os conhecimentos do pajé sobre a flora medicinal ficaram sendo do domínio dos padres jesuítas conhecidos por "irmãos boticários"

Um dos que mais salientaram nesse mister foi o padre José de Anchieta, considerado o patrono da Farmácia Brasileira.

Havia, como na Europa Medieval, a Farmácia Monástica, onde os jesuítas cultivavam o "horto dos simples", e exerciam a manipulação dos medicamentos, prática essa impregnada com misticismo invocando santos católicos: Santa Luzia e Santa Odília, nos casos de afecções oculares; Santa Ágata, nos males pulmonares; São Brás, nos de garganta; Santa Apolônia, padroeira dos dentistas, nas dores de dentes; São Benedito, nas mordeduras de cobra; Santo Amaro, nas ulcerações e mutilações; São Lázaro, na lepra; São Sebastião e São Roque, na peste; São Bartolomeu e São Ciríaco, nas afecções nervosas e na possessão demoníaca; São Miguel, no câncer e nos tumores em geral; São Libório, nos cálculos urinários; São Tomé, na verminose; Santo Erasmo, nas cólicas abdominais. As parturientes recorriam à Santa Margarida e à Nossa Senhora do Bom Parto. Surgiram os benzedores, benzedeiros ou rezadores que, por meio de orações, palavras santas, benzimentos e rezas curavam doenças, neutralizavam o quebranto, imunizavam o aziago e afastavam os maus-olhados.

Os escravos trouxeram da África os feiticeiros, pais-de-santo, macumbeiros, pais-de-terreiro que empregavam talismãs, amuletos, fetiches. Proliferaram no século XVI os feiticeiros brancos (portugueses e espanhóis).

A medicina preocupava-se no tratamento de doenças e afecções que acometiam o povo brasileiro: distúrbios do aparelho digestivo, do fígado, hidropisia, hemorróidas ou "almoreiras", cálculos (renais),

“gota-serena” ou “amaurose” (diminuição da vista e até a cegueira sem lesão aparente dos olhos), doenças sexualmente transmissíveis (sífilis, gonorréia), tuberculose, mordedura de cobra e de outros animais peçonhentos, dermatose, “boubá” (ou *Framboesia tropica*), “maculo” (ou “mal-del-culo”, “doença-do-bicho” ou “corrupção”), ferimentos, chagas, malária, tumores testiculares, “frialdades” ulcerações. Eram empregadas drogas com propriedades: febrífugas (ou antifebris), diuréticas, sudoríficas, sialagogas, purgativas, antidi-sentéricas (ou antidiarréicas), adstringentes, constipantes, restauradoras da potência viril, antídotos, para “purgar o fleuma do estô-mago” ou “expulsar catarros ou reimas”

São citadas, particularmente, as seguintes drogas nativas: abútua ou parreira-brava, agrião, aiapana, airi, alfavaca-de-cobra, anagelim-amargoso, ananás, andá-açu, araçá, árvore-do-bicho ou tapiá, assa-peixe, batata-de-purga, bicuíba ou ibicuíba, buranhém ou imiraé (segundo a *Farm. Bras. I*, buranhém é sinônimo da monésia), caapiá (carapiá ou contra-erva), cabriúva ou cabureira, (Nota: por determi-nação especial do Papa, a cabriúva substituiu o óleo da Pérsia, de difícil aquisição, na preparação dos Santos Óleos, nos primeiros sé-culos após o descobrimento), caju, calunga, camará ou cambará, ca-peba ou pariparoba ou cipó-de-cobra, cana-do-mato ou cana-de-maca-co, caraguatá, caroba, chicória, cipó-caboclo ou cipó-carijó, cipó-chumbo, cipó-mil-homens ou cassáú, cocleária, copaíba (bálsamo), cordão de frade, curraleira, douradinha, douradinha-do-campo, erva-andorinha, erva-do-bicho, erva-de-cobra, erva-de-lagarto, erva-mate (ou simplesmente mate), erva-do-rato, erva-tostão ou agarra-pinto, fragária ou morangueira, goiabeira, guabiraba, guaraná, ipecacuanha (poaia ou ipeca), jaborandi, jarrinha ou cassáú, jataí, jenipapeiro, jurema, jurubeba, laranjinha-do-mato, maçaranduba, mandioca, man-gabeira, mastruços, mata-pasto, oiti, pacová, pajamarioba ou fedego-so, paraíba ou pau-paraíba, pau-cobra, petume (petum, tabaco ou erva-santa), pinhão-de-purga, quina (trazida do Peru), quina-do-campo, ratânia, salsaparrilha, sargaços (algas do gênero *Sargassum*), sassafrás, tiu ou raiz-de-lagarto, umbaúba ou imbaúba.

Outras drogas importadas ou aclimatadas: açúcar branco (prin-cipal constituinte da forma farmacêutica xarope, usado também, para polvilhar sobre ulcerações da córnea), aloés, alteia, centaúrea-menor, colocíntide, cana-fístula, escamoneia, inhame (um *Araceae*

de origem provavelmente africana), jalapa, mirra, romã, ruibarbo, sândalo, sumo de laranjeira (folhas) em fricção no tratamento de picadas de abelha e de marimbondo, sumo de limão, terebentina (essência), valeriana, além de cinza das drogas vegetais. Drogas animais: banha ou sebo dos rins de bode (ou os tutanos); caldo do siri; saliva; excremento; teia de aranha; carne de tainha (em aplicações locais, substitui, muitas vezes, o unicórnio); miolos de lampreia (*Petromyzon marinus*); concreções supra-orbitárias do peixe-boi (*Trichechus inunguis*) sangue de tartaruga; leite de seio; raspas de pontas de veado.

Nota curiosa: o canto do gavião caracará (*Polyborus vulgaris*) pressagiaria o fim da vida.

Excipiente, veículos: aguardente, açúcar, azeite ou óleo, garapa, vinagre, vinho.

Fármacos: alvaiade (carbonato de chumbo), açúcar de Saturno (acetato neutro de chumbo), amônia, azougue (mercúrio), calomelano ou mercúrio doce (cloreto de mercuroso), cristal (ou cristais) de Vênus ou verdete (acetato neutro de cobre), flor de enxofre, litargírio (óxido de chumbo fundido), magnésia branca ou alva (carbonato de magnésio), manteiga de antimônio (cloreto de antimônio), pedra infernal (lápiz de nitrato de prata), pedra-lipes (sulfato de cobre), pedra-ume (alúmen, sulfato duplo de alumínio e potássio), sal amargo (sulfato de magnésio), sal de antimônio (vidro de antimônio), sal de cozinha (cloreto de sódio), sal de Glauber (sulfato de sódio), sal de Vichy (bicarbonato de sódio), pó de Joannes (óxido de mercúrio rubro), sublimado corrosivo (cloreto mercúrio), subnitrato de ferro, tártaro emético (antimônio-tartarato ácido de potássio).

Dieta. Eram receitados: caldo de galinha (clássico), caldo de vitela, carne de determinados peixes como "sadios" e "leves", farinha de aveia, leite de peito, mingau de tapioca.

As boticas vendiam frangos para a canja dos enfermos.

Filtros de amor. "Numerosos casos de intoxicações provocaram as preparações enfeitiçadas, os "filtros de amor" aconselhados pelos feiticeiros e feiticeiras. Dava-se de beber "até água de infundice", uma "espécie de lixívia feita de urina, em que se infunde ou põe de molho a roupa grossa muito suja" As feiticeiras do século XVI, de Pernambuco e da Bahia, segundo confissão do Santo Ofício, mandavam misturar no vinho o caldo de lavagem de peças íntimas do ves-

tuário feminino. "Tal beberagem avivaria o afeto dos maridos dados a conquistas amorosas, extraconjugais"

Plantas tóxicas. "Amansa-senhor" e "erva-moura" provocavam a morte quando dados a beber no vinho, leite ou água. A mandioca, cujo líquido obtido por expressão era um potente veneno. O antídoto é a raiz da própria mandioca, a "farinha de carimã" No século XVI, dava-se a eliminação do inimigo pela administração, nos alimentos, de vidro moído ou beberagem de escamoneia.

Antídotos. No tratamento de mordedura de cobras venenosas aplicava-se ferro em brasa, pólvora, aguardente, limão, sal de cozinha, água-de-coco. Triagas: vinho com sal amoníaco (cloreto de amônio), aguardente, limonada, suco de vegetais nativos "pedra bezoar ou pedra bazar", coral vermelho, aljofre, olhos-de-carangueijo, "bezoartico" ou "curvo Semedo"

Formas farmacêuticas.

a.) **Uso interno:** de cocto ou cozimento; infuso, tisana (na falta de vinho da terra, as tisanas eram veiculadas numa beberagem de milho cozido a que se adicionavam o mel; o mel servia também para "curar feridas"); poção; apozema; extrato; tintura; tônico; xarope; elixir; electuário (constituído de pós, extratos, veiculados em xarope ou mel, contendo, em certas preparações, o ópio); triaga; panacéia; laxativos ou "ajudas frescas"; aguardente; vinho e outros estimulantes; "confeição" (uma mistura de várias substâncias); pó; pílula ou "pirola", no linguajar popular.

b.) **Uso externo** (incluindo as cavidades naturais do corpo humano): água de rosas, cataplasma, linimento, pomada (tendo por excipiente a banha de porco ou de outro animal); unguento (pomada resinosa), ceroto (tendo por base o óleo e a cera), "bálsamo" (composto de vegetais narcóticos, com o azeite ou outro óleo por veículo), "opodeldoque", cataplasma (com farinha de mandioca), sinapismo (um tópico de ação revulsiva, como a "cataplasma" de mostarda); "emplasto ou emplastro" (tópico de ação emoliente), "vesicatório" (irritante destinado a produzir vesículas na pele); "cáustico"; "cautério" (ferro e pedra incandescentes, irritantes que destróem o tecido), "revulsivo" (outro irritante destinado a expedir humores), clister ou "crister" (para introdução de medicamentos pela via retal); "pedilúvio" (banho quente nos pés); fomentação; defumação; fricção com azougue ou com folhas, na parte dolorida ou inflamada do corpo.

- Notas: a.) "cristeleira" é a mulher especializada na aplicação de crister.
- b.) "barbeiro", além de cortar o cabelo e de fazer a barba, efetuava pequena cirurgia da época, isto é, sangrava e então foi chamdo de "barbeiro-sangrador" ou simplesmente "sangrador": escarificava, aplicava ventosas sanguessugas, cristeres, lancetava abscessos, curativos, excisava prepúcios, tratava mordedura de cobras e extraía dentes.

Fórmulas Farmacêuticas.

Segundo Beatriz Heloisa de Figueiredo Forbes, plantaram-se rosas em São Paulo de Piratininga que eram usadas para fazer água perfumada para exportação à Corte. A água de rosas foi a primeira indústria farmacêutica brasileira.

Banha ou sebo dos rins do bode ou os tutanos misturados com pós de *aristolóquia rotunda* eram usados para untar as bexigas a fim de apagar os sinais ou cicatrizes das mesmas.

Vinagre, azeite ou óleo eram empregados na unção de pústulas e crostas. "Ungüento saturnino" (à base de sal de chumbo), vinagre de Saturno (acetato básico de chumbo líquido): emprego em fumigação, quando em excesso, provocava intoxicação. O caldo obtido do siri (crustáceo), moído, tinha aplicação nas almorreiras (hemorróidas). Miosos de lampreias e as concreções supra-orbitárias do peixe-boi, reduzidos a pó e dissolvidos n'água ou no vinho, eram usados no tratamento de "cálculo" Sangue de tartaruga ou leite de seios eram receitados em fricção no tratamento de dor de ouvido. Emplasto de almécegas e azeite, aconselhados em grave disenteria. Como antitérmico ou "anticausótico" recomendavam a aguardente, principalmente, a "aguardente prodigiosa de Miranda", beberagens e raizadas. Fórmula de emplasto: passa de figos, cebolas, esterco de pombo e manteiga. Massa antiboubática: caroba, salsaparrilha, sene, jalapa e calomelano. "Cuias" ou "sacatrapos" eram feitos de pano, fios ou algodão, embebidos em limão e a que juntavam pimenta, aguardente e pólvora para o tratamento anal do maculo. Outra fórmula de "sacatrapos" ou "bolos": limão, fumo, sal, pedra-ume, salitre, pimenta, pólvora, aguardente para introdução anal no "sesso", no tratamento do maculo. Com essa mesma finalidade, eram preparados "bo-

los" de massa forte: acetato de cobre ("verdete"), "maçãs" de algodão, cânfora, limão, tabaco, sal e pimenta. Bochechos com limonada, infusos de plantas medicinais, dentes de alho espremido nas cáries. Quintfílio: preparação à base e antimônio.

Para o tratamento de escorbuto ou "peste náutica" ou "mal de Luanda": cozimento de raiz de chicória, grama, fragária, douradinha, mastruços e cocleária-três libras (1,36 kg.) – de ervas frescas ou 680 g. de drogas secas; confeição de diatártaro reformada (composição purgativa hidragoga, cuja base era o cremor de tártaro) e sal catártico (sulfato de magnésio) – de cada um, três onças (93,3 g.); antimônio diaforético marcial (biantimônio ácido de potássio ou óxido branco de antimônio) e espírito de cocleária – de cada um, duas onças (62,2 g.); xarope de chicória de Nicolau com ruibarbo – três onças *fluidas* (88,8 g.), misture-se. Foram famosas as seguintes preparações: *Teriaga brasileira*, dos jesuítas; bálsamo de copaíba; "água de Inglaterra", febrífugo à base de quina dissolvida em vinho, também conhecida por "Água Inglesa"; *Teriaga magna*; Água da Rainha da Hungria; elixir paregórico. Como alexifármacos ou contravenenos eram conhecidos: vomitórios, clisteres de tabaco, azeite, tintura de ópio via oral, banhos quentes, enxofre pulverizado, fricções contínuas com panos quentes.

Operações Farmacêuticas.

Dissolução em água ou em sucos (sumos) de plantas; de cocção e infusão.

Aparelhos e Utensílios.

A botica, a partir do século XVI, estava aparelhada com: mesa, armações de madeira, bancos, balões, boiões, potes, vasos e frascos cheios do simples ou símplices medicinais, copos graduados, cálices, botijas, cântaros, jarros, funis, facas, bastões de louças, almofarizes e graís, alambiques, destiladores, cadinhos, retortas, panelas, tenazes, balanças e pesos. As pílulas eram acondicionadas em caixinhas de madeira. Empregavam duas pedras para moer as drogas. Usavam o ferro em brasa em ferimentos por mordedura de cobras peçonhentas. No século XVII, empregava-se seringa metálica para injeção de balsâmicos na uretra e cateterizava-se com a "tenta", ou sonda de chumbo, a precursora das de goma e das de borracha, empregada no tratamento da blenorragia.

Os pesos correspondiam aos da farmácia européia. O quartilho, fracionado em metade, em um quarto, é equivalente a 0,665 L; a onça (28,69 g.), a oitava (3,58 g. ou a oitava da onça); o escrúpulo (1,125 g.) e grão (50 mg., mais ou menos); além do arretel ou a libra, a canada. Outras medidas eram determinadas apenas pela prática: "narigada" (uma pitada), "pequenas porções", "aos copinhos"

Na ausência de escola, era na própria botica que se procedia ao ensinamento da profissão, através da prática, como "aprendizes-de-boticário", "práticos-de-botica" ou "moços-de-boticários" Submetiam-se a exame perante os comissários do Físico-mor do Reino, para obtenção da "carta de examinação"; quando, então, passavam a exercer o ofício, estabeleciam-se com botica e contratavam aprendiz.

Brasil Reino e Império.

Esse período começa com a mudança da Corte portuguesa para o Brasil, em 1808.

A primeira Cadeira a ensinar a arte farmacêutica é criada na Escola Anatômica, Médica e Cirúrgica do Rio de Janeiro, por decreto real de 12 de abril de 1809, denominada "Medicina clínica – teórica e prática de princípios elementares de matéria médica e farmacêutica" para a qual foi nomeado o dr. José Maria Bontempo. Os médicos estudam Farmácia praticando a manipulação.

Em 1829, funda-se a Sociedade de Medicina, no Rio de Janeiro, atual Academia Nacional de Medicina, que cria a seção de Farmácia e inicia estudos para a criação do curso farmacêutico.

O curso de Farmácia, com três anos de duração, nasce a 3 de outubro de 1832, em anexo às Escolas de Medicina da Bahia e do Rio de Janeiro, criadas por José Corrêa Picanço.

Em 1839, funda-se a primeira escola autônoma de Farmácia, de Ouro Preto, na capital da Província de Minas Gerais. Em 1851, surge, no Rio de Janeiro, a Sociedade Farmacêutica, tendo como órgão oficial a Revista Farmacêutica, sob a direção de Ezequiel Corrêa dos Santos Júnior.

No dia 29 de setembro desse mesmo ano, é regulamentado o exercício profissional para os portadores de diploma de farmacêutico.

O decreto nº 2.055, de 19 de dezembro de 1857, do Governo Imperial, referendado pelo Ministro de Negócio do Império, Marquês de Olinda, "estabelece as condições com que aos farmacêuti-

cos não habilitados se há conceder licença para continuar aberta a botica” Estabelecimento é botica e profissão farmacêutica. A palavra botica desapareceu oficialmente em 1886. No Rio de Janeiro, funda-se o “Instituto Farmacêutico”; em São Paulo, a botica “Ao Veado d’Ouro”, pelo alemão Gustavo Schaumann. Em 1865, havia, em São Paulo, seis boticas.

Em 1838, Ezequiel Corrêa dos Santos, dedicado ao estudo de plantas medicinais brasileiras, obteve a pereirina do pau-pereira, em colaboração com Soullié e Dourado.

No final do século XIX (1870), começa a aparecer a indústria farmacêutica nacional com Eugênio Marques de Holanda, que foi presidente do Instituto Farmacêutico.

Em 1877, realiza-se no Rio de Janeiro, o primeiro Congresso Brasileiro de Farmácia, tendo sido, igualmente, o primeiro congresso científico promovido na América do Sul.

Nesse mesmo ano, deu-se o passamento do grande botânico paulista, o farmacêutico Joaquim Corrêa de Mello, cognominado “Quinzinho da botica”, que redigiu comunicações e memórias publicadas nos anais da “Linnean Society” de Londres, da qual era o único sócio correspondente da América do Sul.

Em 1886, houve uma tentativa, sem sucesso, da criação da Escola Superior de Farmácia, com quatro anos de duração, por iniciativa do Instituto Farmacêutico.

A partir da segunda metade do século XIX, começam a surgir em várias províncias do Império, associações farmacêuticas e às vezes, médico-farmacêuticas: Associação Médica e Farmacêutica do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, 1850; Sociedade Farmacêutica Brasileira, Rio de Janeiro, 1851; Sociedade Farmacêutica do Maranhão, em São Luís, 1853; Instituto Farmacêutico do Rio de Janeiro, 1858; Sociedade Médico-Farmacêutica de Campos, Rio de Janeiro, 1879.

A partir de 1794, todas as boticas eram obrigadas a ter um exemplar da “Pharmacopéia Geral para o Reino e Domínios de Portugal”, de Francisco Tavares. Os boticários recorriam à consulta de outros livros; “Pharmacopéia Ulissoponense”, de João Vigier (1716), “Colóquios dos simples e Drogas da Índia”, de Garcia da Orta, impressos em Goa (1563); “Coletânea Farmacêutica” de Antonio

Marrins Sodré (1735); "Farmacopéia Lusitana", de João Antunes (1704); "Farmacopéia Bateana"; "Farmacopéia Tubalense"; "Farmacopéia Dogmática, médico-química e teórico-prática", dois volumes, de Frei João Jesus Maria (1772); "Pharmacop e Universelle", de Jordan (1884), "Codex Medicamentarius Gallicus", "L'Officine" de Dorvaout (1884), "Traite de Pharmacie", de Sobeiran-Regnauld (1885); "Formulário e Guia Médico", de Pedro Luiz Napoleão Chernoviz (1843).

Brasil República.

Em 1897, coube a Porto Alegre a instala o da segunda Escola de Farmácia, no Brasil.

No ano seguinte, funda-se a Escola de Farmácia, em São Paulo.

Em 1917, foi oficializada para o Estado de São Paulo a primeira farmacopéia nacional, a "Pharmacopéia Paulista", de autoria de farmacêuticos paulistas.

Surgiram outras entidades farmacêuticas: Centro Farmacêutico Brasileiro no Rio de Janeiro (1894), União Farmacêutica do Rio Grande do Sul (1896), Centro Farmacêutico de Juiz de Fora (1896). Realizam-se, periodicamente, congressos, conven es, semanas farmacêuticas brasileiras e pan-americanas.

A lei "Epitácio Pessoa", em 1901, diminui o curso de Farmácia para dois anos e são em 1911 a reforma "Rivadavia Corr ia" restabelece em três anos a dura o do ensino farmacêutico. Em 24 de agosto de 1913, funda-se em São Paulo, a União Farmacêutica de São Paulo, a decana das entidades farmacêuticas brasileiras e, em 1916, é a vez do Rio de Janeiro criar a Associa o Brasileira de Farmacêuticos. Realiza-se no Rio de Janeiro, em 1922, o 1  Congresso Brasileiro de Farmácia, onde Rodolpho Albino Dias da Silva apresenta o anteprojeto da "Pharmacopéia dos Estados Unidos do Brasil", que   oficializada em 1926 e tornou-se obrigatória a partir de 1929.

Em 12 de outubro, funda-se em São Paulo a Sociedade de Farmácia e Química de São Paulo. Em 1931, é publicado o decreto n  19.606, que regulamenta o exercício da profissão farmacêutica no Brasil.

Em 13 de agosto de 1938, funda-se no Rio de Janeiro a Academia Nacional de Farmácia.

Em 1959, foi oficializada a 2  edi o da Farmacopéia dos Esta-

dos Unidos do Brasil, elaborada pela comissão de Padronização Farmacêutica do Estado de São Paulo.

A lei federal nº 3.820, de 11 de novembro de 1960, cria os Conselhos Federal e Regionais de Farmácia.

Em 1976, é oficializada a 3ª edição da Farmacopéia Brasileira, que saiu a lume no ano seguinte.

Está sendo elaborada a 4ª edição da Farmacopéia Brasileira, quatro volumes.

O ensino de Farmacotécnica ou, melhor, Farmacotecnia começou com o bel. João Florentino Meira de Vasconcellos, que nasceu em 5 de janeiro de 1865, na então "Parayba do Norte" e faleceu em 13 de março de 1919, em São Paulo.

A Cátedra denominava-se "Pharmácia Teórica e Prática ou Pharmacologia" Meira de Vasconcellos foi, inicialmente, proprietário da Farmácia Meira, em Campinas. Fundador e primeiro presidente da "Sociedade Farmacêutica Paulista"; chefe do "Laboratório Farmacêutico" da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, co-autor da "Pharmacopéia Paulista"; autor de livro didático "Elementos de Pharmácia", 1906 (2ª edição em 1924) e notas sobre "Limão Bravo"

Após seu falecimento, sucedeu-lhe o prof. Alfredo Augusto da Silva, que exercia as funções de lente substituto.

Em 1929, a denominação da Cátedra passou a ser Farmácia Galênica e seu regente foi prof. H. Alfredo Pucca.

Na Faculdade de Farmácia e de Odontologia da Universidade de São Paulo, foi adotado o nome de Farmácia Galênica e como regente, o prof. dr. Filinto Haberbeck Brandão, nascido a 13 de dezembro de 1878, em Florianópolis, Santa Catarina e falecido em São Paulo, em 16 de abril de 1946. A partir desta data, a Cátedra passou a ser regida, inteiramente, e a partir de 19 de outubro de 1948, em caráter efetivo, pelo prof. dr. Carlos Henrique Robertson Liberalli, que era natural do Rio de Janeiro, então Distrito Federal. Nasceu a 13 de setembro de 1909 tendo falecido, em São Paulo, a 26 de setembro de 1970.

A partir de 6 de março de 1969, pela aposentadoria do prof. C. H. Liberalli, a disciplina de Farmacotécnica, bem como a disciplina subordinada, Tecnologia Farmacêutica (atualmente Farmacotécnica Industrial) passaram a ser regidas pelo prof. dr. João Haikal Helou, nascido a 13 de agosto de 1921, em Santa Cruz, Estado de Goiás.

Com a Reforma Universitária, 1970, as cátedras foram transformadas em disciplinas e as disciplinas afins passaram a constituir o departamento, menor unidade de ensino dentro das faculdades e institutos.

LEITURAS RECOMENDADAS

- ÁLBUM DROGASIL. São Paulo, edição comemorativa do IV Centenário da Fundação da cidade de São Paulo, 1954.
- SANTOS FILHO, Lycurgo. *História geral da medicina brasileira*. São Paulo, Hucitec — Edusp, 1977.
- VOTTA, R. *Breve história da farmácia no Brasil*. Rio de Janeiro, Laboratórios Enila S.A., 1965.
- WIZNITZER, A. *Os judeus no Brasil Colonial*. São Paulo, Livraria Martins Editora, 1966.

REVISTAS

- BERNI, D. Primórdios do ensino farmacêutico no Brasil. *Revista Brasileira de Farmácia*, Rio de Janeiro, 39: 201-206, 1958.
- CARVALHO, J. C. Contribuição sobre as origens da Imprensa Farmacêutica. *Boletim da Sociedade Brasileira de História da Farmácia*. 4 (5/6): 41-43, de 1959. *Revista Brasileira de Farmácia*, Rio de Janeiro: 40: (5/6), 1959.
- CASTRO PEREIRA — Pharm. João Florentino Meira de Vasconcellos. *União Farmacêutica*, São Paulo, 4 (3): 47-54, 1919.
- HISTÓRIA DA FARMÁCIA NO BRASIL. *Álbum Drogasil*. São Paulo, edição comemorativa do IV centenário da fundação da cidade de São Paulo, 1954, p. 40-55.
- LIBERALLI, C. H. — Anchieta, o primeiro boticário de Piratininga. *Álbum Drogasil*. São Paulo, edição comemorativa do IV centenário da fundação da cidade de São Paulo, 1954, p. 150-152.
- LIBERALLI, C. H. — O centenário da oficialização do nome de "Farmacêutico" no Brasil. *Boletim da Sociedade Brasileira de História da Farmácia* 2 (8): 21-22, 1957. *Revista Brasileira de Farmácia*. Rio de Janeiro 38 (8), 1957.
- LIBERALLI, C. H. — José de Anchieta, o boticário. *Boletim da Sociedade Brasileira de História da Farmácia*. 7(7/8): 33-35, 1962. *Revista Brasileira de Farmácia*, Rio de Janeiro, 43 (7/8), 1962.
- LIBERALLI, C. H. — A primeira cadeira de Farmácia no Brasil. *Boletim da Sociedade Brasileira de História da Farmácia*. 3(4): 23-24, 1958. *Revista Brasileira de Farmácia*, Rio de Janeiro, 39 (4), 1958.
- LIBERALLI, C. H. — O primeiro boticário no Rio de Janeiro. *Boletim da Sociedade Brasileira de História da Farmácia*. 3(7/9): 27-29, 1958. *Revista Brasileira de Farmácia*, Rio de Janeiro, 39(7-9), 1958.
- LIBERALLI, C. H. — Sesquicentenário do Ensino Médico no Brasil. *Boletim da Sociedade Brasileira de História da Farmácia*. 3(3): 35-36, 1958. *Revista Brasileira de Farmácia*, Rio de Janeiro, 39 (7-9), 1958.
- MOURA JÚNIOR, J. C. — Campinas e a botica "Ao Veado d'Ouro" *Boletim da Sociedade Brasileira de História da Farmácia*. 5 (5/6): 33, 1960. *Revista Brasileira de Farmácia*, Rio de Janeiro, 41(5/6), 1960.
- NEME, M. — O primeiro farmacêutico de São Paulo. *Álbum Drogasil*. São Paulo, edição comemorativa do IV centenário da fundação da cidade de São Paulo, 1954. p. 121.122.
- OLIVEIRA, A. — Cem anos de ensino de Pharmácia Galênica. *União Farmacêutica*, São Paulo, 14(10): 389, 391, 393-400, 1933.

- SANTOS FILHO, L. C. — Récpes e boiões. *Boletim da Sociedade Brasileira de História da Farmácia*, 1(7): 25-29, 1956. *Revista Brasileira de Farmácia*, Rio de Janeiro, 37 (11), 1956.
- VOTTA, R. — O ensino da Farmácia em São Paulo. *Álbum Drogasil*. São Paulo edição Comemorativa do IV centnário da fundação da cidade de São Paulo, 1954, p. 118-120.
- VOTTA, R. — A "triaga brasilica" dos Jesuítas do Colégio da Bahia. *Boletim da Sociedade Brasileira de História da Farmácia*, 5(9/10) 31-40, 1960. *Revista Brasileira de Farmácia*, Rio de Janeiro, 41, 1960.

FICHA CATALOGRÁFICA

HELOU, João Haikal. "Evolução da Farmacotécnica no Brasil". *Revista da Universidade de São Paulo.*, São Paulo, (3): p. 103—116, dezembro de 1986.